



Infância em fragmentos: histórias vividas antes e depois dos abrigos para menores¹

Cíntia Luz FARIAS²

Diego Lazzaris BORGES³

Vanderlei Dias de SOUZA⁴

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

O livro-reportagem “Infância em fragmentos” visa problematizar a situação vivida por crianças e adolescentes que moram nos abrigos da cidade de São Paulo, além de elucidar as questões sociais que provocam o desligamento de suas famílias. Para tal, os autores do trabalho se utilizaram de levantamentos bibliográficos e pesquisas de campo que levaram ao contato direto com as fontes, nesse caso, as próprias crianças. Tais materiais proporcionaram a criação do livro-reportagem com perfis dos menores entrevistados, onde o objetivo é apresentar suas histórias de vida, assim como suas visões do passado e perspectivas para o futuro. No resultado do trabalho, foi possível mostrar uma parcela das dificuldades encontradas por essas crianças: suas angústias, alegrias, a exposição à violência, entre outros fatores emocionais.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; abrigos; crianças.

1. INTRODUÇÃO

O número de crianças que vivem em situação de desligamento e abandono familiar representa um alerta para a sociedade. Existe, portanto, a necessidade evidente de auxílio e apoio a esses menores, que se dá através de abrigos, que visam, dependendo do caso, objetivos diferentes: restabelecer os vínculos familiares; formar laços afetivos com uma família substituta; evitar desmembramento entre irmãos, etc.

Conforme dados retirados da série de reportagens especiais do *Jornal Hoje* “Filhos do Coração”, exibidas na Rede Globo entre os dias 12 e 14 de fevereiro de 2008, a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) estima que das 80 mil crianças e adolescentes que vivem em abrigos espalhados pelo Brasil (só na cidade de São Paulo vivem 1.157 delas, distribuídas pelos 94 abrigos da capital), 87% têm família biológica

¹Trabalho apresentado à Divisão Temática de Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste

²Líder do grupo, graduada em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em dezembro de 2008, email: luz.cintia@gmail.com

³Graduado em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em dezembro de 2008, e-mail: diegolazzaris@hotmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: vanderlei@mackenzie.br



e estão indisponíveis para a adoção. A separação geralmente se dá por falta de condições financeiras, denúncias de agressão, maus-tratos ou abusos.

No âmbito nacional, São Paulo é o estado que possui o maior número de abrigos e de menores vivendo neles, assim como de Conselhos Tutelares e Varas da Infância e Adolescência. Apesar da existência de muitos abrigos, ainda há uma carência muito grande de estudos sobre as instituições e as próprias crianças.

Percebida esta lacuna, surgiu a necessidade de pesquisar tais instituições, trazendo ao conhecimento da população como vivem, como se encontram, o que sentem e, principalmente, quem são esses jovens privados da presença dos pais e familiares.

2. OBJETIVO

O objetivo do trabalho realizado foi entender quem são os menores que compõem os quadros dos abrigos da Cidade de São Paulo, analisando, através de pesquisas de campo, as narrativas e a realidade de suas vidas.

Entre outras questões, buscou-se compreender como se dá a convivência longe da família biológica, os sentimentos e pensamentos construídos durante a fase de separação, e através de entrevistas, esclarecer como foi tecida a vida, os registros, memórias do passado e perspectivas para o futuro de uma parcela destes jovens.

Outro objetivo foi verificar como funcionam os trâmites legais relacionados à adoção e ao retorno dessas crianças às famílias de origem, assim como saber quais as atitudes das autoridades responsáveis na busca por soluções para esse problema social.

3. JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento do livro-reportagem visou suprir a necessidade de informação e de contato da sociedade com esses menores abrigados, apresentando de forma humana e esclarecedora as histórias de cada um deles, com o intuito não apenas de tornar públicos relatos muitas vezes dramáticos, mas também conscientizar a população para o problema do abandono infantil.

Através de visitas e acompanhamento da rotina dos abrigos, e da realização de entrevistas com as crianças, com o apoio dos responsáveis por seus cuidados diários, o trabalho procurou mostrar a valia, o verdadeiro sentimento e a realidade daqueles que são, muitas vezes, esquecidos pela sociedade.



Para retratar tal universo, foi eleita a linguagem literária, com o suporte do livro-reportagem. A junção dos dois gêneros, jornalismo e literatura,

“[...] não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia”. (PENA, 2006, p. 21)

A escolha pelo livro-reportagem e o jornalismo literário condiz com a forma que os autores se propuseram a retratar o universo do abandono e a vida nas instituições que abrigam menores. Foi possível abordar de maneira mais aprofundada a natureza dos fatos, tornando-os mais perenes na área do conhecimento, com maior riqueza de detalhes. O livro-reportagem

[...] é o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41)

Lima (2004, p.26) compartilha a idéia, e ressalta uma amplitude “superior” ao material contido nos livros-reportagem:

[...] o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Este “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado - quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p. 26)

O livro *Infância em fragmentos* serviu, então, para dar voz a quem vive (ou já viveu, como no caso de um dos entrevistados) a situação de abrigamento, através de um relato jornalístico que possibilitou a integração dos conhecimentos adquiridos sobre o assunto, dada a versatilidade do livro-reportagem. Como justifica Lima,

[...] o livro-reportagem [...] é potencialmente um veículo multidisciplinar de comunicação capaz de integrar elementos do jornalismo, da literatura, da antropologia, da sociologia, da história, da psicologia. Acima de tudo, porém, o bom livro-reportagem é



simplesmente um excelente meio de narrar histórias e registrar a história desafiadora de nosso tempo. (LIMA, 2004, p. 15-16)

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No desenvolvimento do livro-reportagem a apuração em campo se tornou fundamental para a construção dos perfis dos personagens. Para que isso se concretizasse, foram realizadas entrevistas qualitativas para dar base ao material levantado, buscando interpretar o desligamento dos menores de suas famílias, as condições em que viviam, a ocorrência ou não de violência ou abusos, além de outras informações que apenas o desdobramento das entrevistas presenciais poderiam explicar. Os responsáveis pelos cuidados dos menores nas instituições também foram levados em consideração como fontes.

O traçado jornalístico da vida desses menores foi construído com base em entrevistas profundas, procurando seguir o conceito criado por Henry James e introduzido por Mark Kramer em *Regras rompíveis do jornalismo literário*, denominado *felt life*, ou em uma tradução livre, “vida sentida”, que é o contato prolongado do jornalista com suas fontes, para entender de fato a situação que pretende retratar. Em outras palavras:

A grande questão de jornalistas literários quando estão em prolongadas imersões é a compreensão do tema em um nível que Henry James chamou de “felt life” (“vida sentida”) - o nível franco, o nível livre de idealizações, que apresenta as diferenças individuais, a fragilidade, a delicadeza, a sordidez, a generosidade, a futilidade, a pompa, a humildade. Tudo nas devidas proporções. Isso põe em confronto verdades premeditadas e explicações burocráticas, deixa expostos maneirismos, autodecepções, hipocrisias e encantos – características só utilizadas quando a serviço de uma compreensão ainda mais profunda. (KRAMER, 2007)

E todo esse trabalho, com a atenção de proporcionar mais conforto às fontes para se expressarem, como esquematiza Cremilda Medina em *Entrevista: o diálogo possível*:

[...] o que se coloca de imediato – em todas as entrevistas – é uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio. [...] um jornalista diante de qualquer pessoa é, no mínimo, um invasor, um perturbador da privacidade, aquele tipo que quer tornar público o que o indivíduo nem sempre está disposto a desprivatizar. (MEDINA, 2005, p. 30)



Logo, a solução para lidar com tal situação é a utilização de técnicas de preparação do entrevistado, como explicitado pela autora:

[...]. De um extremo a outro, impõe-se uma tarefa extra à pauta: preparar a atmosfera de trabalho, proporcionar, com habilidades que têm muito de psicológicas, ou pedagógicas, uma abertura para o desbloqueio, o desarmamento. Só após desanuviar as desconfianças é que efetivamente se pode abordar a pauta. (MEDINA, 2005, p. 30)

Através dos relatos dos próprios menores e do cruzamento das informações obtidas em revisão bibliográfica, buscou-se contar as histórias de vida dos personagens, costuradas a fatores como seus comportamentos, o local onde vivem, companhias, manifestação emocional e principalmente o entendimento de quem são esses jovens privados da presença dos pais e familiares.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O modelo de livro-reportagem escolhido para a realização da peça acadêmica foi o Perfil, devido à proposta da dupla de contar histórias de vida de crianças que foram, por algum motivo, obrigadas a viver em abrigos da cidade de São Paulo.

5.1 Narrativa do livro

A narrativa de cada capítulo do livro foi desenvolvida de acordo com a personalidade de cada entrevistado e das informações adquiridas. Os autores não se prenderam a uma fórmula exata, como começar os textos com os fatos mais marcantes da vida dos personagens, mas ajustando-os a narrativas que melhor se adaptavam às histórias relatadas. Dos sete capítulos, cinco retratam a vida de menores, meninos e meninas que estão abrigados por diferentes motivos. No sexto, a narrativa revela a história de vida de Renato, 27 anos, que já passou por experiências em vários abrigos antes de ser adotado.

No sétimo e último capítulo, os autores comentam a experiência de entrevistar cada um dos jovens perfilados.

Os nomes dados a todos os menores são fictícios para preservar as identidades. Alguns foram escolhidos por eles mesmos, e outros pelos autores.



5.2 Fotos e ilustrações

A abertura de cada capítulo recebeu uma ilustração feita pelos próprios entrevistados. A proposta feita a cada um deles foi a mesma: desenharem a si mesmos, ou algo que os interessasse. Em alguns casos, também foi pedido que desenhassem os autores do trabalho, imagens essas que passariam por uma seleção para ilustrar a capa e a contracapa do livro.

No caso de Renato, a dupla optou por reproduzir sua assinatura, já que o rapaz se negou a escrever ou desenhar algo a respeito de si, alegando ter a coordenação motora debilitada. Deste modo, foi respeitada a sua vontade.

As fotografias que acompanham os capítulos foram produzidas preservando a maior parte das características físicas dos jovens, já que é proibido fotografá-los por completo. Foram escolhidos detalhes mais significativos de seus corpos, que, de acordo com a percepção dos autores, demonstram melhor as personalidades. No caso de Renato, como já atingiu a maioridade, as fotos revelam sua face.

Os autores também decidiram colocar as fotos no final de cada capítulo, para não interromper a criatividade do leitor em tentar imaginar os entrevistados.

5.3 Finalização

Na confecção do trabalho, os autores tentaram atender os quatro recursos do livro-reportagem definidos por Tom Wolfe (2005, p. 53-55), que são construção cena-a-cena (contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica), o diálogo realista (utilizado de maneira mais plena e mais reveladora), o ponto de vista da terceira pessoa (apresentar cada passagem ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando-lhe a sensação de estar dentro da cabeça do personagem) e descrição do *status* de vida (gestos, hábitos, maneiras, costumes, roupas, etc., no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e poses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo).

6. CONSIDERAÇÕES

Com a apuração e todo o processo de produção do livro-reportagem, a dupla descobriu um universo muito mais complexo do que se esperava encontrar. As



entrevistas e o comportamento dos jovens mostraram laços familiares frágeis, marcados pela violência e uma realidade bem distante do que costumamos ver. As histórias de abandono e agressão que muitas vezes tomam as páginas de jornais e noticiários de TV passaram diante dos olhos dos autores, com provas vivas de que os fatos realmente aconteceram.

O histórico de famílias mal-estruturadas está presente na história de vida desses menores. Grupos familiares com diversos membros, entre eles irmãos que são frutos de relacionamentos diferentes, pais alcoólatras, violência e drogas são fatores que formaram crianças de certa forma limitadas, com educação e desenvolvimento comprometidos, perdendo anos de estudo e, muitas vezes, com dificuldades nos relacionamentos interpessoais.

Apesar dos aspectos negativos formados nos menores antes da entrada nos abrigos, foi percebido que as instituições visitadas têm o cuidado de zelar pela integridade psicológica e social dos internos, não apenas com acompanhamento psicológico e pedagógico, mas também com demonstrações de afeto e carinho, que de fato ajudam a aliviar as dores do passado.

O levantamento bibliográfico prévio sobre o assunto estudado forneceu conhecimentos interessantes para o acompanhamento dos abrigos. Porém, nada pode ser comparado à experiência do contato direto, “sentir” verdadeiramente aquela realidade, observando os personagens que a fazem e protagonizam. Com o estudo e a observação das vidas encontradas nos abrigos não foram adquiridas apenas informações de cunho acadêmico, mas também conhecimentos válidos para a vida pessoal e profissional, que proporcionam o amadurecimento à maneira de enxergar o cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação)

KRAMER, Mark. Regras rompíveis do jornalismo literário. **Seminário brasileiro de jornalismo literário**, São Paulo, 22 out. 2007. Disponível em <<http://www.textovivo.com.br/seminario/nota07.htm/>>. Acesso em 20 maio 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.



MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PALHANO, Gabriela de; LIMA, Rogério. Filhos do coração. **Rede Globo**, Rio de Janeiro, 12 fev. 2008. Disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJS0-3076-20080212316208,00.html>>. Acesso em 15 fev. 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.